

Escolher o melhor cursinho

Velho conhecido dos estudantes, ele sempre foi um aliado dos pré-universitários: muitos optam por fazê-lo junto com o terceiro ano do segundo grau.

Quem quer ter certeza de que vai passar no vestibular procura logo fazer um cursinho. É sempre uma segurança a mais para aqueles que não querem perder um ano de estudo duro.

“Eu acho que cursinho é essencial para quem vai fazer vestibular, especialmente quando você já terminou o terceiro ano do segundo grau. Não se tem disciplina para estudar diariamente, sozinho. Sem contar que não há quem tire as dúvidas”, explica a vestibulanda Jana Araújo, 18 anos.

Jana está fazendo o segundo vestibular de sua vida. O primeiro, no ano passado, foi para Medicina. Perdeu. Neste ano, após a decepção da tentativa anterior, a garota mudou sua opção. Está tentando vestibular para Letras/Tradução.

“Decidi, mudei de idéia”, diz Jana, que já pensou em fazer Relações Internacionais. “Desisti porque não gosto muito de história e é básico para esse curso”, informa a

menina que sempre foi uma aluna aplicada, daquelas que só tiram notas boas e nunca ficam de recuperação ou precisam fazer a prova final.

Por isso, enquanto cursava o terceiro ano do segundo grau Jana não teve tempo para um cursinho. Hoje, depois de perder o primeiro vestibular, ela não vacila em dizer que isso aconteceu porque ela não fez cursinho. “Quem fez naquela época passou. E quem não passou está fazendo agora”, define, certa da importância do cursinho pré-vestibular.

Na escolha pelo cursinho ideal, pesaram o material didático e, especialmente, alguns professores, como Martuchelli, de Matemática e Ivan, de Química. “Todo o pessoal do colégio Objetivo gosta deles, que são muito animados e ensinam muito bem”, comenta.

Dentre as qualidades dos cursinhos, Jana ressalta o fato de que os professores, mes-

mo revisando toda a matéria do segundo grau, sempre dizem o que mais cai nas provas, facilitando a escolha dos assuntos a serem estudados com maior afinco. Mas nada de macetes. “Isso não é bom, você não aprende, apenas decora”, ressalta a aluna do Objetivo da 913 Sul.

Só que nem todos acham que cursinho é algo realmente necessário. “Se o aluno tiver uma boa formação, ele passa sem problemas. Vestibular não é bicho de sete cabeças”, diz o professor Mauro Rabelo, que leciona matemática na Universidade de Brasília e é sub-coordenador do Programa de Avaliação Seriada, o PAS, que irá substituir o vestibular,

Ele, que acha que cursinho é indispensável, lembra que volume de informação não é tudo.

RACIOCÍNIO

Como no caso da física. Sem saber uma determinada fórmula de cor o vestibulando pode chegar ao resultado correto a partir das fórmulas básicas. Rabelo ressalta que os colégios devem desenvolver, desde a pré-escola, as habilidades de leitura, interpretação e raciocínio.

“Quando você demonstra o assunto toma

um peso diferente daquele monte de teoria que o livro diz que funciona”, diz. Ele gosta de dar como exemplo uma experiência bem simples para crianças de primeira série.

Ao jogar pára-quedas de tamanhos diversos, feitos de materiais como cordas e pano, as crianças percebem que uns caem mais rápido do que os outros, a depender do tamanho. Começam então a entender, sem no entanto fazer a relação científica, os princípios da lei da gravidade.

“Isso fica na cabeça para o resto da vida. E na hora de estudar a gravidade, o aluno terá uma experiência prática na qual poderá firmar o seu estudo”, conclui Rabelo.

Para ele, nada de decorar fórmulas e macetes. “O aluno tem que aprender a raciocinar”, completa o professor, que abomina as provas objetivas, as conhecidas *de marcar X*, no segundo grau.

Segundo ele, esse tipo de prova só serve bem para a avaliação de grandes quantidades de pessoas. “Na escola, onde os grupos são menores e mais próximos, o máximo que se deve fazer são simulados já no terceiro ano do segundo grau, para que os alunos se acostumem com esse tipo de prova. Mas avaliar as turmas com esse método é um absurdo”, diz.